REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 8, n. 1, jan.-abr. 2022
Missões

A TÉCNICA DA GUASQUERIA EM JAGUARÃO, RS: MEMÓRIAS, SIGNIFICADOS E O TURISMO

LA TÉCNICA DE GUASQUERIA EN JAGUARÃO, RS: MEMORIAS Y SIGNIFICADOS Y EL TURISMO

THE GUASQUERIA TECHNIQUE IN JAGUARÃO, RS: MEMORIES AND MEANINGS AND THE TOURISM

Recebido em: 23/01/2022
Aceito em: 20/04/2022

Eduarda de Souza Costa[1]
Alessandra Buriol Farinha[2]

Resumo: Esse artigo tem como principal objetivo realizar a descrição da técnica guasqueira realizada no município de Jaguarão, RS, orientado pela importância e valor cultural que a técnica representa na região enquanto manifestação cultural e também na esfera pessoal, para os guasqueiros. Para atingir os objetivos, foram realizadas pesquisas bibliográficas, registro das peças e entrevistas com quatro guasqueiros do município. Entende-se que houve mudanças em relação ao perfil das pessoas interessadas em aprender e trabalhar com a guasqueria, o que futuramente, pode causar dificuldades em relação a transmissão da técnica, feita manualmente, onde são retirados tentos do couro para a confecção das peças, o que exige tempo e habilidade. Além disso, essa prática cultural possui vínculo com a zona rural, fazendo parte da história de ocupação do território do estado. Assim, torna-se necessário compreender a representação que a guasqueria possui na cultura e na identidade local, fazendo com o que os guasqueiros se sintam motivados a produzir as peças, inclusive como um *souvenir* com a técnica da guasqueria, ocasionando no reconhecimento e valorização do seu trabalho no turismo local.

Palavras-chave: Guasqueria; Memórias; Significados; Turismo; Jaguarão.

Resumen: El objetivo principal de este artículo es describir la técnica de la guasqueira realizada en el municipio de Jaguarão, RS, guiado por la importancia y el valor cultural que la técnica representa en la región como manifestación cultural y también en el ámbito personal, para los guasqueiros. Para lograr los objetivos se realizó una investigación bibliográfica, grabación de las piezas y entrevistas a cuatro guasqueiros del municipio. Se entiende que ha habido cambios en relación al perfil de las personas interesadas en aprender y trabajar con la guasquería, lo que a futuro puede generar dificultades en relación a la transmisión de la técnica, que se hace de forma manual, donde se retiran las carpas de cuero para la confección de las piezas, que requiere tiempo y destreza. Además, esta práctica cultural está ligada al medio rural, siendo parte de la historia de ocupación del territorio estatal. Assim, torna-se necessário compreender a representação que a guasqueria possui na cultura e na identidade local, fazendo com o que os guasqueiros se sintam motivados a produzir as peças, inclusive como um souvenir com a técnica da guasqueria, ocasionando no reconhecimento e valorização do tu trabajo em el turismo.

Palabras-chaves: Guasquería; Memorias; Significados; Turismo; Jaguarão.

Abstract: The main objective of this article is to describe the guasqueira technique performed in the municipality of Jaguarão, RS, guided by the importance and cultural value that the technique represents in the region as a cultural manifestation and also in the personal sphere, for the guasqueiros. To achieve the objectives, bibliographic

[1] Tecnóloga em Gestão de Turismo pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E-mail: dudacosta362@gmail.com
[2] Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural. E-mail: alefarinha@gmail.com

research was carried out, recording of the pieces and interviews with four guasqueiros in the municipality. It is understood that there have been changes in relation to the profile of people interested in learning and working with the guasqueria, which in the future may cause difficulties in relation to the transmission of the technique, done manually, where the leather tents are removed for the making of the pieces, which takes time and skill. In addition, this cultural practice is linked to the rural area, being part of the history of occupation of the state's territory. Thus, it is necessary to understand the representation that the guasqueria has in the culture and local identity, making the guasqueria feel motivated to produce the pieces, including as a souvenir with the guasqueria technique, causing the recognition and appreciation of the your work at the tourism.

Keyword: Guasqueria; Memories; Meanings; Tourism; Jaguarão.

INTRODUÇÃO

Ao pensar nas peculiaridades da vida campeira, nota-se uma identidade que caracteriza as atividades realizadas no espaço rural, como o hábito que os gaúchos possuem deles mesmos fazerem o seu churrasco, cuidar dos animais e criar suas técnicas de sobrevivência com específicas ferramentas de trabalho. Neste contexto, de acordo com Alves (2002), "uma identidade local pode reforçar a imagem e a singularidade, tanto dos produtos turísticos quanto dos outros produtores locais" (ALVES, 2002, p. 76). A guasqueria é uma técnica artesanal de fabricação de objetos geralmente ligados à lida do campo que surgiu no ambiente rural, a partir de excedentes de matéria-prima animal: o couro. São objetos que remetem à identidade e tradições campeiras, e podem ser considerados bens culturais. Nesta perspectiva, a guasqueira é uma prática artesanal que trabalha com o couro cru do animal, quem trabalha com esta arte é chamado de guasqueiro.

Os guasqueiros confeccionam peças como: bainha de faca, guaiaca, chaveiros, mateira, relho, rebenque, arreio, rédeas e cabeçada entre outros. A guasqueria é o saber fazer cultural que vem sendo transmitido de geração para geração entre os gaúchos que, além de produzir as peças para seu consumo, também as comercializam. Se pode assimilar que, na guasqueria, a identidade "[...] está profundamente envolvida no processo de representação" (HALL, 2006, p. 71), ela faz representar quem vive da lida do gado, atividade que se designa em sair a cavalo para o campo para cuidar dos bovinos. A guasqueria possui características específicas para trabalhar com o couro cru. Conforme mencionado, esta manifestação cultural baseia-se na elaboração das peças necessárias para o cotidiano da lida campeira, para enfeitar festas crioulas (rodeios[3] e Semana Farroupilha[4]) as quais utilizam os objetos feitos manualmente por esses

[3] Rodeio de acordo com Rodrigues (2014), deriva do espanhol *rodeo*, que significa circundar, rodear, ou seja, antes de dar nome ao esporte de montaria, designava a atividade de cercar o gado e apartá-lo nos currais.
[4] A Semana Farroupilha de acordo com acontece de 14 a 20 de setembro, o Rio Grande do Sul celebra sua maior festa popular, é um período dedicado ao culto às tradições locais em todas as cidades gaúchas e algumas regiões de Santa Catarina (GURGEL, 2017).

artesãos da guasqueira, com isso a exibição do trabalho dos guasqueiros torna-se pública para que a comunidade tenha conhecimento sobre a importância desta arte para o Rio Grande do Sul.

A técnica guasqueira que é desenvolvida em Jaguarão, município situado no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, conforme mapa de localização situado na Imagem 01, é vista como uma técnica tradicional no município, um trabalho artesanal que faz referência à atividade pecuária que historicamente marca a origem do estado (Ribeiro, 1995). Para a fabricação de qualquer tipo de peça é necessário o domínio da técnica e habilidade. Assim, a guasqueria, além de ser considerada manifestação cultural, também é usada como instrumento de trabalho no cotidiano dos gaúchos. Desta maneira, o trabalho feito artesanalmente enquanto trabalho humano integra arte e técnica, materialidade e imaterialidade, e possui uma dupla dimensão: cultural e econômica (BOURDIEU, 2004). Sendo assim, percebe-se a necessidade da valorização do trabalho artesanal visto que o mesmo integra vários aspectos relacionados com o artesão.

IMAGEM 1 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE JAGUARÃO, RS



Fonte: Abreu, 2006.

Em relação, a prática guasqueira ser transmitida de geração em geração, através da memória, podemos dizer que "as construções culturais são parte de um uníssono de experiências históricas, vividas de forma integrada, portanto, dinâmicas no tempo" (MENESES, 2004, p. 20). A guasqueria, segundo Machado (2016) "[..] surge com a colonização do continente latino americano no século XV, pelos espanhóis e portugueses, quando trouxeram esses animais por meio de navios de carga, para explorá-los como produtos voltados para a alimentação[..]" (MACHADO, 2016, p. 796), compõem a identidade do que ao ter a matéria prima e a

necessidade de trabalhar no campo, cria suas ferramentas de trabalho, assim o ato de confeccionar suas próprias peças torna-se uma experiência adquirida no decorrer do tempo.

As peças feitas de couro cru podem ser analisadas como objetos que tiveram destaque através do "[...] aparecimento de uma produção cultural especialmente destinada ao mercado e, em parte como reação contra esta, de uma produção de obras "puras" e destinadas à apropriação simbólica" (BORDIEU, 2004, p. 162). Com isso, o autor enfatiza que a produção cultural destinada a comercialização, torna os objetos significantes devido a memória, a identidade e toda as vivências representadas por um único objeto/peça.

Tendo em vista que a guasqueria tem uma importante representação junto ao gaúcho, à rotina de trabalho do trabalhador do campo, este artigo objetiva apresentar a técnica guasqueira desenvolvida no município de Jaguarão, através de depoimentos de guasqueiros do município. Objetiva-se também descrever a técnica guasqueira e apresentar suas principais características, apresentando imagens de algumas peças. A proposta deste estudo surgiu com a percepção de que a prática da guasqueira é uma técnica de artesanato que, devido à queda na produção de pecuária e das fazendas, acabou sendo prejudicada pela diminuição da procura, ao passo que a técnica possui importância na identidade cultural da comunidade. Também refletimos como o turismo pode favorecer para que haja aumento na comercialização das peças, a fim de possibilitar que as pessoas que visitam o município tenham um contato com a cultura local através do *souvenir* comercializado, nesse caso, a guasqueria.

O trabalho artesanal possui a característica de ser uma atividade de produção manual exercido por grupos sociais familiares de forma informal, como uma complementação de renda e faz parte da sociedade contemporânea (KELLER, 2014). A importância da prática e do saber fazer artesanal é sobretudo uma forma de independência e aumento da renda. A metodologia utilizada é qualitativa, de natureza básica e caráter exploratório através de entrevistas semiestruturadas com quatro guasqueiros de Jaguarão. Foi utilizada uma fonte primária, uma obra que relata a técnica da guasqueria, intitulada "Mão Gaúcha: Trançados em couro" de autoria desconhecida, onde, no decorrer dos capítulos, são encontradas definições sobre os materiais necessários para o preparo das peças e informações técnicas sobre o preparo do couro. O livro é ilustrativo, contendo antigas fotografias dos processos que envolvem a guasqueria.

O artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente foi feita uma contextualização sobre Jaguarão e a tradição da pecuária, onde é possível verificar a relação do espaço rural com o espaço urbano, o surgimento e descrição da guasqueria no município. Logo, foi construído um referencial teórico significado cultural da técnica para a memória social. Por

fim, foram apresentados os resultados obtidos no decorrer da pesquisa de campo, evidenciando a teoria em conjunto com as entrevistas e os depoimentos dos guasqueiros.

JAGUARÃO E A PECUÁRIA: COMPREENDENDO AS ORIGENS DA TÉCNICA

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Jaguarão, situada no sul extremo do Brasil, na fronteira com Rio Branco, no Uruguai. Conforme estimativas do site do IBGE (2010), o município possui aproximadamente 28.000 habitantes e sua área territorial equivale a 2.051,021 km^2 e a agricultura, pecuária e o comércio são as principais atividades econômicas. Como dito acima, parte da sua economia está concentrada na pecuária, com isso destaca-se a importância que a vida no campo tem para a comunidade local. Em um contexto sobre o trabalho desenvolvido pelo gaúcho, Bilhalva e Rodrigues, relatam que "Há inúmeras atividades que podem compor "lida campeira" e, entre essas, estão os saberes e fazeres da esquila, doma, tropeirismo, lida caseira, feitura de aramados, ofício do guasqueiro e pastoreio" (BILHALVA; RODRIGUES, 2018, p. 115).

Quando se fala em lida campeira, há uma imaginação do homem gaúcho vestindo bombacha, bota e esporas, realizando o trabalho de campo juntamente com o cavalo, animal este que participa ativamente do trabalho no campo, que faz o transporte do homem, auxilia na lida para recorrer o gado. A atividade realizada pelo gaúcho em pegar o cavalo e "recorrer" os campos, faz parte desta lida campeira, que pode ser intitulada como parte da tradição dos gaúchos, sendo assim, Howes Neto (2009, p. 77) afirma que "a tradição é um paradigma, pressupõe continuidade, estabelece algo a ser seguido". Uma das atividades que também compõem a lida campeira é o ofício do guasqueiro que é o principal foco neste trabalho, onde pode-se dizer que é uma união entre homem, natureza e animal, sendo o trabalho do guasqueiro, fundamental para o exercício das atividades do cotidiano campeiro. Ao referir-se a lida campeira, as autoras Rieth, Rodrigues e Silva (2014, p. 1), afirmam:

> As lidas campeiras correspondem a um conjunto de ofícios executados na manutenção das estâncias e demais propriedades rurais voltadas para a atividade econômica de criação, manutenção e reprodução de rebanhos de gado bovino, equino e ovino (RIETH; RODRIGUES; SILVA, 2014).

A atividade guasqueira é uma prática que se baseia na cultura de cavalos, ou seja, utiliza matéria prima, o couro dos animais, em específico o couro dos bovinos. Alvares (2014) afirma que "o couro sempre esteve presente na vida do gaúcho, tanto que era comum os brasileiros de

outros estados atribuírem a denominação "guasca", que significa tira de couro cru, aos nascidos no Rio Grande do Sul" (ALVARES, 2014, p. 45). Assim, pode-se afirmar que o gaúcho tem familiaridade com a lida campeira, com o gado, o cavalo e o couro. Devido a este fato, havia abundância de couro, então ao criar as suas próprias peças, os gaúchos criaram a guasqueria, um trabalho feito manualmente, onde sua principal fonte de matéria prima, é o couro extraído do gado, principalmente o bovino. Oliveira, Guillen e Boeck (2008) afirmam que "A vastidão do pampa, o cavalo e a faca formam a trilogia que moldou a têmpera do gaúcho. A faca crioula arma de defesa, e utensílio de mil utilidades, chegou a nossos pagos através dos conquistadores, em especial, os espanhóis." (OLIVEIRA; GUILLEN; BOECK, 2008). De acordo com os autores, a faca, o cavalo e os utensílios de uso campeiro são elementos fundamentais na vida do gaúcho, vale relembrar que assim como a faca, e o cavalo, o couro também surgiu a partir da criação do gado bovino e a vasta quantidade de couro fez com que os gaúchos, passassem a produzir mais peças em couro.

A partir desta ideia de "se virar com o que tem", a guasqueria encaixa-se na vida dos peões, capatazes das estâncias gaúchas, a necessidade de confeccionar as peças para uso no trabalho. Com isso Caldeira (2018), proporciona uma reflexão sobre as condições apresentadas antigamente: "[...] os peões campeiros, ou seja, os gaúchos primitivos tinham hábitos peculiares. Isso se pode justificar pelas condições como viviam, ou seja, ainda se baseavam na caça de bois e na venda de couro, assim como outros costumes como o chimarrão" (CALDEIRA, 2018, p. 17).

Conforme a citação acima, percebe-se que devido as condições precárias, os gaúchos apresentavam hábitos diferentes, o autor também cita os abates de bovinos e a comercialização do couro, este definido como principal matéria-prima dos guasqueiros, por conta da quantidade de couro, que era descartado naquela época. De acordo com Ribeiro (1995, p. 413), "os gaúchos brasileiros especializavam-se na exploração do gado, alçado e selvagem, que se multiplicava prodigiosamente nas pradarias naturais das duas margens do rio da Prata". O autor também descreve algumas características do que para ele é considerado a imagem do gaúcho:

> O gaúcho montado em cavalo brioso, da bombacha e botas, de sombreiro com barbicacho, de pala vistosa, revólver, adaga e o dinheiro metido na guaiaca, de boleadeiras enroladas na cintura, lenço ao pescoço, faixa na cintura em cima dos rins, esporas chinelas, etc. (RIBEIRO, 1995, p. 421).

A partir de Ribeiro (2015), é possível dizer que esta maneira de viver, junto aos costumes e as tradições, são características do povo gaúcho que vivia em condições precárias. Aprendendo a manter-se com o que estava disponível, por exemplo, o couro extraído do gado para confeccionar as ferramentas de trabalho. Vale salientar que o desenvolvimento econômico de Jaguarão, gira em torno da pecuária, onde o município apresenta uma vasta zona rural, onde as pessoas ainda enxergam o campo como um lugar com potencial para viver e trabalhar.

Jaguarão, além de ter essa identidade rural consolidada, tem bens patrimoniais materiais e imateriais preservados, o que pode ser enfatizado na perspectiva de ser um destino turístico potencial. No centro histórico de Jaguarão, por exemplo, percebe-se a existência de um conjunto arquitetônico que representa o patrimônio histórico. Além disso, a cidade também tem potencial na zona rural onde os recursos naturais poderiam ser utilizados como produto turístico. Candau (2011) afirma que:

> [...] as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de "traços culturais" – vinculações primordiais -, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sociossituacionais – situações, contexto, circunstâncias -, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de "visões de mundo" identitárias ou étnicas (CANDAU, 2011, p. 27).

A partir da citação acima, se pode afirmar que a identidade é produzida e reproduzida ao decorrer do tempo, que ela adapta-se às circunstâncias e ao tempo. Ressalta-se também que a memória e a identidade juntamente com o modo de fazer, são importantes no ato de confecção das peças guasqueiras, levando em conta que nenhuma peça será idêntica à outra, sempre haverá alguma modificação.

TÉCNICA DA GUASQUERIA: MEMÓRIA E IDENTIDADE DO GAÚCHO

A guasqueria origina-se no "[...] período de colonização espanhola e portuguesa na América do Sul, quando o "gaúcho histórico" começava a se desenhar nos campos do Rio Grande do Sul e dos países do Prata" (SCHLEE; SOUZA, 2007). Alvares (2014), ao estudar a guasqueria diz que a técnica possui quatro momentos, onde o primeiro momento:

> [...] é caracterizado como o trabalhador rural (gaúcho) que necessita desenvolver artefatos para suas atividades diárias, para isso passa a utilizar principalmente o couro cru, pois é um produto em abundância na região e apresenta as características físicas perfeitas para as atividades no campo, como flexibilidade e resistência (ALVARES, 2014, p. 45).

Este momento em que o autor se refere, caracteriza a essência do guasqueiro, sendo os peões e capatazes que precisavam de ferramentas para exercer o seu ofício, ou seja, se fossem comprar todas as ferramentas que necessitavam, seria um custo alto, mas também por não existir local voltado para a comercialização da guasqueria, sendo assim aproveitaram a quantidade de couro disponível naquela época e confeccionavam suas próprias peças. Em relação ao segundo momento, o autor afirma que:

> Com o surgimento das estâncias, após a expulsão dos jesuítas, fica mais evidente o processo de divisão do trabalho dentro destas imensas propriedades rurais, que eram uma mistura de comunidade e empresa, pois o local onde trabalhavam e que pertenciam era o mesmo. [...] o guasqueiro torna-se um trabalhador especializado, dedicando-se exclusivamente à atividade de guasqueria, o que levou ao aprimoramento de suas técnicas (ALVARES, 2014, p. 47).

O guasqueiro ao se dedicar apenas para o seu trabalho, possui tempo para qualificar os seus serviços e com isso, conquista sua autonomia, ou seja, transforma o seu conhecimento e sua cultura em fonte de renda para sua sobrevivência. O terceiro momento da guasqueria, é "[...] a fase onde o Rio Grande do Sul deixa de centrar suas atividades econômicas somente em função da pecuária e diversifica os seus meios de produção, dando lugar para a agricultura, manufaturas de outros produtos e princípio de um desenvolvimento industrial (ALVARES, 2014, p. 47).

Com o princípio do desenvolvimento industrial, houve a diminuição da procura pelos trabalhos dos guasqueiros, visto que é um trabalho mais caro, devido ao preparo e cuidado com o couro, juntamente com o tempo aplicado para a confecção de cada peça. Essa diminuição da procura pelos artefatos em couro cru, se deu por conta da inserção do couro industrializado no mercado, material mais barato, porém com menor durabilidade. O autor, define o quarto momento da guasqueria: "O período atual, no qual se observa cada vez mais a diminuição da profissão de guasqueiro. Na maior parte das vezes, a guasqueria é uma atividade secundária utilizada como um complemento de renda e também como uma maneira de preservar as tradições (ALVARES, 2014, p. 48).

A partir desta definição do quarto momento da guasqueira, percebe-se que é o momento vivido no município de Jaguarão, onde poucos guasqueiros utilizam a guasqueria como fonte de sobrevivência. A maioria confecciona as peças por conta do respeito que sente pela técnica e o significado que a mesma possui em suas vidas. A guasqueria pode ser definida como um elemento de expressão da cultura gaúcha, característico da lida campeira do Bioma Pampa.

Santos (2006, p. 19) afirma que “é importante considerar a diversidade cultural interna à nossa sociedade; isso é de fato essencial para compreendermos melhor o país em que vivemos”.

De acordo com a reflexão realizada sobre a diversidade cultural existente entre grupos sociais, é válido ressaltar que na técnica guasqueira imbrica-se a identidade, memória e a herança cultural do guasqueiro. Ao falar na técnica guasqueira, é importante comentar sobre a profissão dos gaúchos que trabalham com este tipo de arte. Schlee e Souza (2007, p. 1) afirmam que “chama-se "guasqueiro" no Brasil, *"guasquero*" ou *"soguero"* na Argentina e no Uruguai, o artesão que usa como principal matéria prima de seus trabalhos o couro cru, couro vacum sem ser curtido” (2007, p. 01). Ao analisar o contexto histórico da guasqueria, Schlee e Souza (2007) relatam como se deu o início desta prática aqui no Rio Grande do Sul:

> A partir da cultura equestre, herdada de portugueses e espanhóis com suas raízes árabes, aliado a arte de marinharia e sem esquecer da influência indígena, nasce um tipo de trabalho único, dado a complexidade e diversidade de suas técnicas, assim como o esmero na busca da beleza estética (SCHLEE; SOUZA, 2007, p. 1).

Além disso, a guasqueria pode ser vista como uma expressão da memória, que de acordo com Pollak (1992, p. 201) pode ser “[...] tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis”. Então a memória pode ser considerada como uma forma de expressão cultural que acaba agregando valor simbólico no preparo das peças. Na perspectiva da memória, Candau (2011, P. 16), afirma que “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada”, com isso o autor nos proporciona um momento de reflexão sobre memória, onde a mesma nos modela através das lembranças que temos sobre determinadas coisas, mas também é modelada por nós, visto que é praticamente impossível rememorar o passado.

Ao falar na guasqueria e no couro utilizado na confecção do mesmo, o livro, considerado um manual pelos guasqueiros, é intitulado “Mão Gaúcha Trançados em couro”. Foi uma fonte primária encontrada durante a pesquisa, sem editora nem nome do autor. O livro explica os processos de cuidado com o couro e confecção das peças, que são utensílios utilizados na lida campeira, que são confeccionados através do couro cru, dentre eles podemos destacar as cordas trançadas que são as rédeas, cabrestos, laços, entre outros. O manual, mesmo sem conter catalogação, demonstra que, na época em que foi produzido, houve um empenhamento, um esforço para proceder um registro da guasqueria. A capa do livro pode ser vista na Imagem 02.

IMAGEM 2 – FOTOGRAFIA DA CAPA DO LIVRO MÃO GAÚCHA



Fonte: Livro Mão Gaúcha, s/d.

O livro Mão Gaúcha explica a diferença que há entre os tipos de couro:

> Além dos couros vacum e cavalar são também utilizados: o couro de cabra ("chibo"), para tranças delicadas; a pele de enguia ("muçum"), para revestimento de pequenos objetivos. [...] utilizavam-se no artesanato dessa natureza, o couro de capivara ("capincho"), para "cordas" torcidas, o couro de veado para pequenas tranças e revestimentos e o couro de lagarto para forro de boleadeiras (Livro Mão Gaúcha, s/d, p. 27).

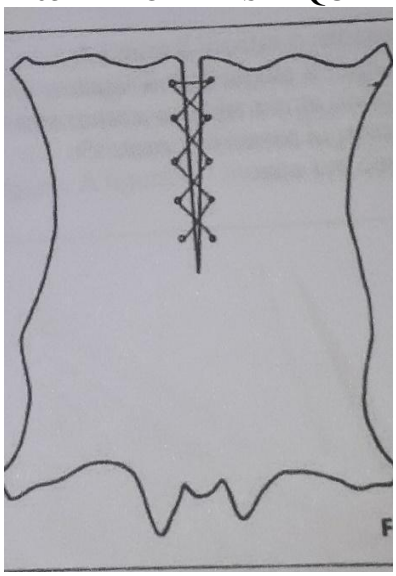
Através desta explicação, percebe-se a importância do trabalho do guasqueiro em selecionar o couro que possui melhor qualidade para que a peça em guasqueria tenha durabilidade. Sobre a técnica da guasqueria, pode-se mencionar que, primeiramente há alguns processos necessários para a preparação do couro, pode-se destacar a coureada, a raspagem do pêlo, popularmente conhecida como "lonqueamento", o estaqueamento, a retirada em partes do couro para fazer os tentos, obtenção dos tentos e por fim, a confecção das tranças. A seguir serão utilizadas algumas definições encontradas no livro Mão Gaúcha, para cada etapa utilizada no processo de preparação do couro. Coureada é o ato de despegar o couro do animal abatido, é quando o guasqueiro começa o preparo do couro para o trabalho artesanal. Cabe ressaltar que, para a guasqueria, quanto mais limpo o couro estiver, maior será o seu aproveitamento, e além disso, segundo o mesmo livro, há uma crença de que o couro obtido durante a Lua Nova torna-se quebradiço e com pouca resistência (Livro Mão Gaúcha, s/d p. 27). Essa crença em relação a melhor lua para fazer o preparo do couro, faz parte da cultura popular.

O próximo passo no processo de preparação do couro é o lonqueamento, onde "lonca", é o nome dado ao couro limpo, livre de todos os pelos, a parte interna e a externa do couro

também recebem nomes específicos, no qual a interna chama-se de “carnal” e a externa de “flor”. É importante lembrar que o este processo tem de ser feito com o couro úmido, a forma de lonquear mais utilizada pelos guasqueiros é estender o couro sobre a perna e com o auxílio de uma faca afiada, começar a raspar o pelo, sempre no sentido da raiz do mesmo, para efetuar este procedimento, é necessário ter habilidade e paciência, após o lonqueamento é necessário lavar o couro e secá-lo na sombra, para logo após ser estaqueado (Livro Mão Gaúcha, s/d p. 28)

O estaqueamento é o processo que vai definir, o rendimento do couro, onde deve ser estaqueado com o carnal para cima, é indicado que o estaqueamento seja feito sobre uma parede de madeira, com o uso de pregos, onde a parte do couro que corresponde a cabeça do animal, deve ficar para baixo. Na Imagem 03, será mostrado um tipo de estaqueamento original, porém pouco conhecido, onde é feito um corte na parte traseira do couro até o meio do mesmo (Livro Mão Gaúcha, s/d p. 28)

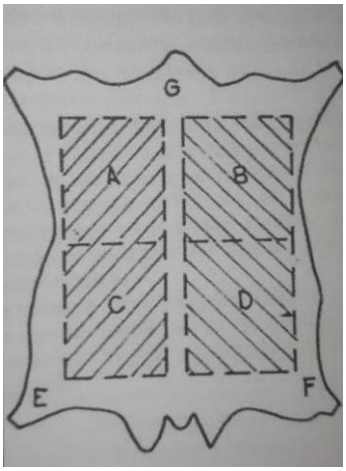
IMAGEM 03 - TIPO DE ESTAQUEAMENTO



Fonte: Livro Mão Gaúcha, s/d.

A retirada do couro em partes para fazer os tentos, baseia-se em dividir as regiões que fornecem o tento em retângulos para melhor aproveitamento da matéria prima. Como podemos observar na Imagem 04, as regiões das letras A, B, C e D fornecem tentos para cordas e as regiões E e F fornecem tentos mais delgados, por se localizarem na zona da barrigueira (Livro Mão Gaúcha, s/d, p.28)

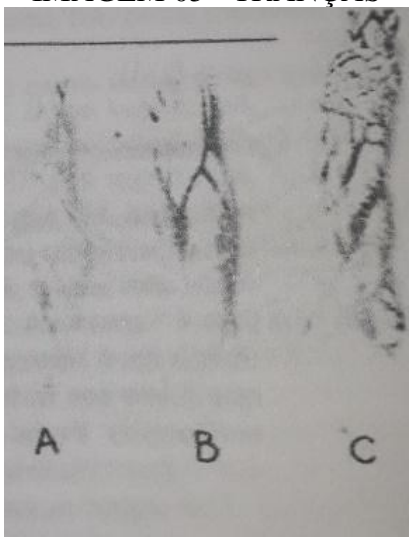
IMAGEM 04 - RETIRADA DO COURO EM TENTOS



Fonte: Livro Mão Gaúcha, s/d.

A obtenção dos tentos, é feita através de cortes a partir de uma tira mais larga (lonca), os tentos para cordas, por exemplo, laços, rédeas, são geralmente cortados no formato de círculo, a partir dos retângulos da Imagem 04. As tranças (Imagem 05) são definidas como um conjunto de tentos (fios) entrelaçados, confeccionadas a partir do ajuste dos tentos que devem ser previamente umedecidos, com o intuito de facilitar o manuseio do guasqueiro, e após secar farão com que a trança fique mais uniforme e mais duradoura. Ao terminar uma trança, costuma-se "maceteá-la" levemente, acomodando-se as partes para que fiquem assentadas umas nas outras. A Imagem 05, mostra os tentos bem separados para obter melhor entendimento dos movimentos dos tentos, em conjunto, ao finalizar a trança deve-se "arrematar" as pontas.

IMAGEM 05 - TRANÇAS



Fonte: Livro Mão Gaúcha, s/d

Esta parte do artigo utilizou o livro "Mão Gaúcha: Trançados em couro" como principal fonte e teve como objetivo mostrar os elementos e conhecimentos necessários para que o guasqueiro confeccione uma peça. Durante a análise desta fonte primária foi possível perceber as especificidades da técnica da guasqueria, e como essa deve ser conhecida, registrada e preservada como um bem imaterial, um saber fazer desenvolvido pelos guasqueiros.

RESULTADOS DA PESQUISA: A VOZ DOS GUASQUEIROS DE JAGUARÃO

No decorrer da pesquisa, foram realizadas entrevistas com quatro (04) guasqueiros do município de Jaguarão. Em todas as residências observou-se famílias hospitaleiras e envolvidas com a técnica guasqueira. Em diferentes momentos de interação da entrevista, os guasqueiros questionavam o motivo da escolha da guasqueria como objeto de pesquisa, demonstrando, de certa forma, espanto pela escolha do tema. O primeiro questionamento realizado aos guasqueiros, era sobre os principais motivos pelo qual haviam escolhido trabalhar com a guasqueria.

> Eu [...] era pequeno tinha 12 anos, meu avô era de campo, morava na campanha, e uma vez ele estava hospitalizado, estava doente, [...] e nisso ele teve vários lapsos de AVC, eu era pequeno, nisso eu me apavorei, era pequeno sacudi ele e chamava: - Vô! Ele pegou e abriu os olhos e disse isso para mim: "Tchê meu neto, gaúcho que é gaúcho tem que saber fazer suas próprias cordas", e isso ficou na minha mente, a importância da guasqueria pra mim, é a história por trás dela [...] (Guasqueiro 01, entrevistado no dia 13 de novembro de 2019).

Como podemos analisar, no depoimento do guasqueiro 01, sobre o motivo pelo qual escolheu trabalhar com a guasqueria, percebe-se a relação pessoal, a memória familiar que está relacionada à técnica da guasqueria, e como ela está diretamente relacionada ao trabalho, à lida campeira. Saber "fazer suas próprias cordas", para o guasqueiro, era parte indispensável do rol de conhecimentos de um peão. O depoente demonstrou o que sente pela arte e a potencialidade que, desde pequeno, identificou na guasqueria, técnica fez parte da sua infância e por admirá-la, decidiu que seguiria com esse legado familiar. Ainda, segundo ele, "é uma manifestação da cultura do gaúcho", e que daqui a alguns anos, não haverá mais, por não haver pessoas interessadas em aprender, fato este que o incentivou a insistir para que o avô lhe ensinasse tudo que sabia sobre a guasqueria. Sobre a primeira pergunta os demais depoentes relataram que:

> [...] Já tem na minha família, foi algo passado de geração a geração, um pouco da técnica eu aprendi com o meu irmão, o resto com o decorrer do tempo eu fui aprendendo sozinho (Guasqueiro 02, entrevistado em 07 de novembro de 2019).

> [...] meu pai também meio que trabalhou nisso, então acho que eu segui a profissão dele. É uma tradição que veio de dentro da minha família (Guasqueiro 03, entrevistado em 06 de novembro de 2019).
>
> O que me incentivou a trabalhar com a guasqueria, foi a vida campeira né, eu toda a minha vida fui criado para fora, e toda a minha vida gostei de campo, da lida e de cavalo, sempre fui apaixonado por cavalo (Guasqueiro 04, entrevistado em 7 de novembro de 2019).

Os depoimentos acima demonstram que as memórias de aprendizados da guasqueria são memórias transmitidas de forma geracional, familiar. Os guasqueiros, se sentiram incentivados a trabalhar com a guasqueria, a partir da familiaridade que desde pequenos tiveram com a técnica, fato este que contribui para que o guasqueiro 02, por exemplo, tenha sua sobrevivência devido às vendas das peças em couro. Em relação à segunda pergunta, foi questionado sobre o processo de transmissão do conhecimento da técnica, se eles já ensinaram alguém a técnica. Os guasqueiros relatam que:

> Já ensinei alguns amigos meus que tiveram aí querendo aprender, estando disponível e querendo aprender, eu ensino, é difícil é que quando pega no pesado, não tem persistência, o cara tem que gostar e ter persistência (Guasqueiro 01, entrevistado em 13 de novembro de 2019).
>
> Hoje, até agora não apareceu ninguém, é um trabalho que tá difícil de encontrar pessoas interessadas em fazer, toda a profissão tu só vai fazer bem feito, se tu gostar. É que nem eu sou apaixonado por assar carne, adoro assar carne, mas eu gosto da guasqueria, tanto que se tu pegar uma pessoa que não gosta de assar, não vai sair a mesma coisa [...] (Guasqueiro 02, entrevistado em 07 de novembro de 2019).
>
> Olha, talvez o meu filho, se ele quiser, mas sei que não vai querer, já quer ir para faculdade, então é óbvio que ele não vai querer, hoje em dia tá ruim de ensinar alguém, por causa das leis sociais, então nem compensa tu ensinar alguém, porque se tu bota um aprendiz ai, ele trabalha dois anos contigo, e depois já fica de dono da loja [...] (Guasqueiro 03, entrevistado em 7 de novembro de 2019).
>
> Ah ensinei uns quantos, só tem um cara que esse sabe, ele aprendeu, é um rapaz que desde 13 anos, ele frequenta a minha casa, aquele de manhã e de tarde vinha para cá, aquele tem persistência e volta e meia ele ta aqui, dá um problema em uma corda, ele já vem aqui [...] (Guasqueiro 04, entrevistado em 7 de novembro de 2019).

Os depoimentos acima despertam certa curiosidade, onde um dos guasqueiros diz que não há pessoas interessadas em aprender a guasqueria, mas teria prazer em repassar a técnica, com a finalidade de aumentar os profissionais nesta área no município. Também percebe-se que a longo prazo, se não for incentivada, a guasqueria não haverá profissionais que saibam fazer esta arte, logo, não haverá mais registros desta prática, fazendo com que se perca mais uma cultura local. Um fator que contribui para esta situação é o êxodo rural pois, se a pessoa não

vive na lida do campo, não precisa de cordas, dos artefatos, e logo pode perder o interesse em aprender.

Em relação à terceira pergunta, foi questionado sobre o tempo dedicado em cada peça, o guasqueiro 02, diz que depende de qual peça que está sendo confeccionada, em seu estabelecimento, as mateiras[5] que são confeccionadas em couro branco, levam em torno de uma hora para ser confeccionadas, como podemos observar na Imagem 06, a mateira feita pelo guasqueiro 02. As mateiras são utilizadas para colocar o chimarrão, a cuia, a bomba e a erva-mate, e segundo ele, está entre os objetos mais vendidos em sua loja.

IMAGEM 06 - MATEIRA

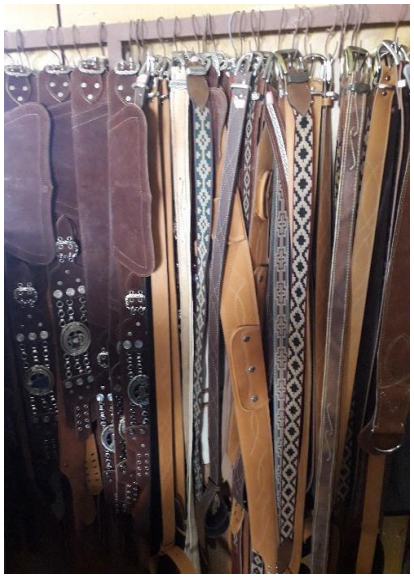


Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2019.

A Imagem 06, além de ser um objeto confeccionado com a técnica da guasqueria, carrega uma representação de um patrimônio binacional tombado, a Ponte Internacional Barão de Mauá, a qual une Brasil e Uruguai, pirogravada, valorizando esse bem cultural local e também dá visibilidade a outra tradição gaúcha: o hábito de tomar chimarrão. O guasqueiro 03, relata que o trabalho dele se torna mais rápido, pois compra o couro curtido, ou seja, não tem de se preocupar com a preparação do couro. Como podemos analisar na Imagem 08, para fazer um cinto, leva em torno de dois dias. Os cintos foram confeccionados pelo Guasqueiro 03.

[5] Bolsa para levar o mate, ou chimarrão.

IMAGEM 07 - CINTOS EM COURO



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2019.

A entrevista realizada com o guasqueiro 04, foi a mais detalhada, pois o mesmo me explicou o passo a passo do trabalho do guasqueiro, desde a preparação do couro, até a peça finalizada. A seguir, serão inseridos alguns trechos retirados da entrevista que foi realizada dia 7 de novembro de 2019:

> O couro chega para mim, recém carneado, aí eu vou desgraxar, tirar algum resto de carne que tenha no couro, eu tenho o estaqueador né, tem que limpar o couro primeiro, que é para ficar lisinho, antigamente tu colocava na parte e se lonqueava, mas hoje como já existem outras coisas, que facilita o nosso trabalho e para a gente não se sujar também porque o couro sempre vem molhado, eu comprei um balde de plástico desses liso, ai tu estica o couro e vai lonqueando, o ponto principal da coisa, que é afiar a faca, tem que saber afiar bem a faca, tem que ter uma faca para cada coisa (Guasqueiro 04, entrevistado em 7 de novembro de 2019).

Em sua fala, o guasqueiro 04 expressa o orgulho que sente pelo seu trabalho, e diz que o ato de retirar a carne do couro, é o processo que mais gosta de fazer, onde segundo ele, é o processo que vai definir a qualidade e a perfeição da peça. Em relação ao uso da faca, o guasqueiro 04, ressalta que além de precisar de uma faca afiada, é necessário ter uma faca para cada etapa de preparação do couro, para que o fio tenha maior durabilidade, na Imagem 08, está o registro de uma das facas utilizada pelo guasqueiro durante seu trabalho.

IMAGEM 08 - FACA DE LONQUEAMENTO



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2019.

> [...] E ainda tem os macetes né, no inverno tem que estaquear o couro com o carnal para cima, carnal é a parte de dentro do couro, e a flor é a parte de fora, no inverno o carnal pra cima para secar mais ligeiro, e no verão o sol queima o couro, ele cozinha a gordura do carnal, aquece aquela gordura, e o couro fica muito fraco (Guasqueiro 04, entrevistado em 7 de novembro de 2019).

O depoente mencionou, como se pode ver, algumas peculiaridades da técnica, a influência da estação do ano na técnica de preparação do couro. Durante a entrevista, o guasqueiro também falou das crenças locais, como por exemplo, carnear o gado bovino em certa lua, pois o couro será mais resistente, assim também define-se a qualidade do couro. Ainda relatou que o couro de uma vaca morta por causa de uma febre, não é um couro bom para o guasqueiro, pois é um material mais frágil que não terá tanta durabilidade. Este relato aproxima-se do que é informado no manual "Mão Gaúcha Trançados em couro" utilizado neste trabalho. Esses detalhes demonstram como os saberes populares devem ser conhecidos e registrados, e o papel dos trabalhos acadêmicos nesse processo, como divulgadores e também refletindo sobre como oportunizar a continuidade, a transmissão dos saberes e que esses trabalhadores sejam valorizados pelo seu ofício. Durante a pesquisa, observou-se que há a possibilidade, por exemplo, da guasqueria ser comercializada como *souvenir* para turistas, o que entende-se ser uma forma de 01 divulgar o patrimônio local, através das representações dispostas nas peças; 02 contribuir para o sustento dos guasqueiros e suas famílias e 03 incentivar a transmissão dos saberes da guasqueria. A Imagem 09 mostra um exemplo de souvenir feito pelo Guasqueiro 02:

IMAGEM 09 - CHAVEIRO LEMBRANÇA DE JAGUARÃO.



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2019.

Sobre a possibilidade de fabricação de objetos menores, menos caros, e que possam ter um fluxo maior de vendas, abaixo é possível observar alguns destes objetos adaptados para *souvenir*, com o intuito de despertar interesse nos turistas. Entende-se que a comercialização das peças para turistas possibilitaria a divulgação de Jaguarão, sua memória e patrimônios, suas técnicas e saberes culturais, enfim, parte importante da identidade social. A partir dos resultados da pesquisa, foi possível perceber que a guasqueria em Jaguarão é uma técnica, um saber fazer tradicional que corre risco pois há poucos artesãos, poucos aprendizes e a matéria prima também é escassa. A guasqueria está na memória das famílias, faz parte da identidade social, e deve ser reconhecida enquanto um bem cultural imaterial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se que a técnica guasqueira desenvolvida no município de Jaguarão possui características específicas para tratamento do couro e a confecção das peças, o que torna esta atividade peculiar, principalmente por serem peças exclusivas, caracterizando-se também como uma cultura local, um saber fazer cultural da localidade, porém sem visibilidade no município. No entanto, com a diferenciação no modo de fazer as peças, nota-se que no decorrer do tempo não há interessados em aprender este ofício, o que resulta em uma saturação de possibilidades

de preservação da técnica e o possível esquecimento da técnica de fabricação das peças em couro cru.

No decorrer da pesquisa, foram identificados diferentes olhares sobre a técnica da guasqueria, como por exemplo, para os guasqueiros a técnica guasqueira possui valor cultural, mas também deveria ter o mesmo valor cultural para os moradores do município, pois esta técnica é uma identidade, uma herança que ainda é expressada, atividade esta, que daqui há alguns anos é possível que seja afetada, pela ausência de pessoas interessadas em conhecer e trabalhar com a técnica. Foi identificado também que a criação de *souvenirs* de guasqueria no município de Jaguarão e a comercialização deste, contribuiria para a economia local, e também possibilitaria maior visibilidade deste trabalho, ou seja, não seria um conhecimento obtido apenas pelos moradores locais, mas também pelos turistas que visitam Jaguarão.

Em outra perspectiva, o *souvenir* em couro cru também seria uma fonte de renda extra para os guasqueiros que não possuem demanda de serviços. Além de contribuir com a autoestima dos guasqueiros que veriam o seu trabalho sendo admirado e valorizado pelas pessoas. A preocupação dos guasqueiros em confeccionar o *souvenir* e comercializá-lo também seria uma oportunidade dos guasqueiros que se sentem desmotivados a seguir com o seu trabalho, continuar desenvolvendo estas peças que são importantes para a identidade local de Jaguarão, conforme visto nos depoimentos.

Os resultados obtidos através dos relatos dos entrevistados denotam a familiaridade do espaço rural com a guasqueria, e toda a representação cultural que esta técnica representa para o município de Jaguarão. O trabalho manual do guasqueiro, de certa forma está sendo ameaçado pelo êxodo rural, pelas monoculturas (CALDEIRA, 2018), pela indústria, onde encontramos materiais pré-prontos, como o couro já preparado, rédeas, cordas de material semelhante ao couro, porém não há tanta durabilidade quanto o couro em si.

Além dos guasqueiros confeccionarem o *souvenir*, haveria a necessidade de realizar uma intermediação entre os guasqueiros e os turistas para que os turistas que vêm até Jaguarão, sejam conduzidos ou pelo menos informados da existência dos artesãos guasqueiros, ou seja, através do *souvenir,* o turista estaria adquirindo um produto produzido no município e que remete a cultura do local visitado. Esta intermediação pode ser feita através de expositores em meios de hospedagem e também na organização de um local para que os guasqueiros, juntos, pudessem expor as suas peças.

Com este trabalho, foi possível identificar que apenas um guasqueiro possui interesse em trabalhar com o *souvenir*, pois confecciona algumas peças, e tem vontade de expandir sua

produção, valorizando a cultura do município, porém devido a condições financeiras, não conseguiu o suporte necessário para adquirir os aparelhos para melhor confeccionar seus objetos. Por fim, espera-se que este artigo também sirva como instrumento de sensibilização e valorização para com o patrimônio imaterial, bem como a memória e a identidade do gaúcho, em conjunto com a prática guasqueira desenvolvida no município.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Fabiano da Costa. **Valorização dos aspectos formais dos artefatos confeccionados por guasqueiros do pampa gaúcho aplicados à joalheria.** 2014. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

ALVES, H.F.I. Turismo, identidade e valorização da produção local. In: Congresso Internacional Sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável, 3, 2002, Santa Cruz do Sul. **Anais**… Santa Cruz do Sul: EDUSC, 2002 p.76-82.

BERLITZ. **Dictionnaire Portugais – Français**. Editado por Berlitz Guides, 1987.

BILHALVA, Liza; RODRIGUES, Marta Bonow. Artefatos como suporte de memória na construção da masculinidade no pampa sul-riograndense. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, p.113-141, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte:** gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CALDEIRA, Alef Franco. **O peão campeiro e a paisagem cultural: estudo sobre os impactos da monocultura da soja em Jaguarão, RS.** 2018. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2018.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

DENCKER, A. de F. M. (2002). **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura.

GIL, Antonio Carlos**. Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós modernidade.** Tradução Tomaz SILVA, Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOWES NETO, Guilherme. **De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo.** 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

KELLER, Paulo. O artesão e a economia do artesanato na Sociedade contemporânea. Maranhão: **Revista de Ciências Sociais Política e Trabalho**, 2014.

MENESES, José N.C. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 128. (Coleção Histórias Et. Reflexões).

OLIVEIRA, Adão Marcial de; GUILLEN, André Luiz; BOECK, Sandro Eduardo. **Paixões do gaúcho.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992.

PORTO, Juliana Machado; COLVERO, Ronaldo Bernardino. A prática artesanal guasqueria na cidade de Jaguarão RS. **Relacult**: Revista latino-americana de estudos em cultura e sociedade, Jaguarão, v. 2, n. 0, p.795-804, 15 dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/250/176>. Acesso em: 20 out. 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A Formação e o Sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 477 p.

RIETH, Flávia Maria Silva; RODRIGUES, Marta Bonow; SILVA, Bilhalva Martins da. AS LIDAS CAMPEIRAS NA REGIÃO DE BAGÉ/RS: sobre as relações entre homens, mulheres, animais e objetos na invenção da cultura campeira. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29ª., 2014. **Resumo....** Natal: 2014. p. 1 - 12.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. 89 p. (Coleção primeiros passos; 110).

SCHLEE, Rodrigo Lobato; SOUZA, Fernanda Valente de. **Guasqueria e a arte gaúcha do couro no apero crioulo.** 2007. Disponível em: <http://guasqueiro.blogspot.com/2008/05/guasqueiro-arte-gaucha-do-couro-cru.html>. Acesso em: 29 out. 2018.

SITES

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Ficheiro: RioGrandedoSul Município Jaguarao.svg.** 2006. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:RioGrandedoSul_Municip_Jaguarao.svg>. Acesso em: 20 out. 2019.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IGBE.** Pesquisa por Municípios. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade-estado-estatisticas.html?t=destaques&c=4311007>. Acesso em: 19 set. 2019.

GURGEL, Geraldo. **Semana Farroupilha: turismo e culto às tradições gaúchas.** 2017. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/8165-semana-farroupilha-turismo-e-culto-%C3%A0s-tradi%C3%A7%C3%B5es-ga%C3%BAchas-movimentam-rio-grande-do-sul.html>. Acesso em: 16 nov. 2019.

RODRIGUES, Inayber S. **A atividade do Rodeio no Brasil.** 2014. Disponível em: <https://inayberrodrigues.jusbrasil.com.br/artigos/155145930/a-atividade-do-rodeio-no-brasil>. Acesso em: 16 nov. 2019.